

A CASA, OS SÍTIOS E AS AGROVILAS: UMA POÉTICA DO TEMPO E DO ESPAÇO NO ASSENTAMENTO RURAL DAS TERRAS DE PROMISSÃO-SP *

*Teresinha D'Aquino ***

Resumo: Este trabalho baseia-se em pesquisa realizada no maior assentamento do Estado, o das Fazendas Reunidas, situado em Promissão-SP. Calçado em depoimentos, entrevistas e histórias de vida, trata da conquista da terra e da construção de um novo modo de vida, resgatando as diferenciações, em especial as relativas à organização da vida e do trabalho, que traduzem diferentes projetos grupais, todos eles calcados na construção de um projeto de vida que garanta segurança e reprodução familiar. Nesta comunicação trato do novo modo de vida sob a ótica da construção do espaço/tempo a partir da memória da casa, como lugar de reprodução familiar.

Palavras-chave: assentamentos rurais; espaço e tempo; modo de vida e reprodução familiar.

Esta abordagem do assentamento rural sob a ótica da construção do espaço/tempo a partir da memória da casa como lugar de reprodução familiar alimenta-se dos devaneios de Bachelard sobre a terra, a vontade e o repouso.

Chego a esta análise após longa trajetória de estudos sobre luta pela terra e assentamentos no Estado de São Paulo, que tem início em 1987, como parte de pesquisa multidisciplinar. Após ter elaborado um Censo das famílias assentadas, procurou-se recuperar, através de depoimentos, a história e memória dos trabalhadores na luta pela terra e após sua conquista, sob a ótica da ação do Movimento dos Sem Terra e da construção da nova vida na terra. A pesquisa é realizada no maior assentamento do Estado, o das Fazendas Reunidas, situado no município de Promissão- SP, fruto de um movimento que tem início em 1985 e, depois de muitos embates, resulta na desapropriação da fazenda, em 1986. Em 1987 ocorre o assentamento inicial das 44 famílias que deram início ao movimento e, em julho de 1988, inicia-se o assentamento definitivo das famílias nas dez agrovilas, em lotes de cerca

* Parte da pesquisa desenvolvida no Projeto Integrado "Assentamentos de trabalhadores rurais: a construção de um novo modo de vida em um campo de possibilidades e diversidades", com apoio do CNPq.

** Docente de Sociologia, Departamento de Sociologia e Antropologia FFC - UNESP/Marília. Colaboradora do Curso de Pós-Graduação em Sociologia - UNESP/Araraquara.

de 15 ha. Estão assentadas hoje 634 famílias, não restando nenhum lote vago, neste que é o maior assentamento do Estado de São Paulo com cerca de 17.000 ha de terra.¹

A busca de terra para plantar, colher, viver, morar, é aspiração que move os migrantes que, expulsos aqui e ali, percorreram as fronteiras agrícolas e chegaram à região trazendo a Reforma Agrária como única esperança de obter terra. Para recuperar essas diferentes trajetórias, trabalho com depoimentos que resgatam a memória da luta por terra dos trabalhadores hoje assentados. Trata-se da memória coletiva, a trama que se constrói e constrói o homem, que supõe a existência de uma subjetividade de classe, uma visão de mundo e memória. A memória individual, portanto, está enraizada no meio afetivo, nos quadros de solidariedade múltiplos dentro dos quais cada um se encontra engajado.

Esses trabalhadores, unidos pelo ideal de volta à terra, provenientes de múltiplos lugares, desenraizados, não traziam na memória os mesmos sons, as mesmas lembranças de lugares, cheiros e gentes. A história de migração é uma história de muitos laços rompidos com o “lugar”, os vizinhos, os sons e cheiros familiares, a casa materna e implica até na impossibilidade de peregrinação aos lugares sagrados, aos caminhos, aos percursos da trajetória da alma. Uma vez desenraizados, percorrem um imenso caminho em busca de alternativas para reconstruir suas vidas. O que calça a sua memória?

As falas colhidas na pesquisa parecem indicar que a busca de um lugar, um lugar tido como seu, o “nosso lugar”, desempenha papel preponderante na luta. Mas este não é um lugar qualquer, é um lugar mítico, construído como local de moradia, de criação-reativação da sociabilidade, objeto de trabalho e meio de vida. Por considerar a relação com a Terra-mãe como definidora da identidade dos trabalhadores assentados, privilegio esse eixo de análise no estudo do processo de luta por terra, de assentamento e reconstrução de formas de sociabilidade grupal. A análise, ao longo desse dez anos de pesquisa, teve múltiplos momentos: a expropriação, a luta pela terra, a chegada à nova terra e a instalação, que significa a reconstrução do “seu lugar”, do seu espaço de relações e de vida. Esse momento se multiplica em dias de plantar, dias de colher, de consumir ou de vender, de comemorar ou de recomeçar... É sobre este último momento que venho falar neste trabalho, centrado na reconstrução da vida familiar, processo que tenho encarado como de construção de um novo modo de vida, agora como assentados.

1 Quanto à composição dos assentados nas Fazendas Reunidas, são originários de 16 estados da Federação, sendo que dos 800 titulares selecionados, 62,12% moravam na região sudeste. Assalariados permanentes ou temporários, 84% trabalhavam com atividades agrícolas há mais de 20 anos. Caracterizam-se por extrema diferenciação: ex-bóias-frias, ex-arrendatários, antigos pequenos proprietários com experiência com as culturas do café, cana e laranja, arroz, feijão, milho, algodão e com o trato de animais. Há ainda os trabalhadores de origem urbana, oriundos de grandes cidades, filhos ou netos de trabalhadores rurais ou pequenos proprietários de terra.

O eixo central desta análise consiste, portanto, numa busca das diferenciações significativas do ponto de vista da construção de um novo modo de vida², que envolve um conjunto complexo de relações, desde as de vizinhança e com a comunidade inclusiva, até as relações com o capital. Todas elas marcam o lugar com vias de comunicação, casas, cercados para hortas e galinhas, espaço para os pomares e barracões para a maquinaria e o armazenamento do produto, locais de uso coletivo como igrejas, salões para festas, rezas e reuniões. Como é que as famílias, portadoras de tradições tão diferenciadas estão construindo essas relações e o seu novo LUGAR, num espaço antes vazio (ou ocupado pela mata) e nesse tempo de esperança e luta?

Concebendo a relação entre a estrutura e as práticas, como uma relação dialética entre o *habitus* e um projeto grupal, penso os modos de ser e de viver no assentamento como uma construção coletiva, a partir das experiências passadas (lembranças) e dos projetos de futuro (os sonhos), numa dada conjuntura. Empregando esse referencial, examinei as andanças dos trabalhadores em busca de melhores condições de vida como construção de um projeto grupal, pois os trabalhadores se encontram, passam a reunir-se, organizados pela Igreja, Partidos políticos e Sindicatos e começam a lutar por terra. Já nesse momento surgem diferentes projetos relacionados com os *habitus* dos grupos que os formulam: para as famílias de tradição camponesa, a terra simboliza a última alternativa possível para a reconquista do velho estilo de vida e da autonomia, enquanto para os trabalhadores urbanos ela aparece como alternativa à fome, ao desemprego ou ao cartão de ponto. Organizados pela CPT ou pelo MST, alguns grupos de trabalhadores expressam, na busca de terra própria, também a utopia de construção de uma sociedade mais justa. Esse grupo porta a utopia socialista, um encantamento com a idéia de regeneração da sociedade, numa concepção em que o socialismo não é só uma questão de salários, ou de estômago, mas um completo rearranjo da vida, em sua dimensão social e psíquica.

A complexa rede de relações que se constrói no assentamento desde o início da luta pela terra coloca, portanto, várias alternativas, calcadas em diferentes concepções da organização da nova vida. As diferentes origens e trajetórias familiares, sua participação/não participação nos movimentos sociais, refletem-se nos projetos grupais: se para um conjunto de trabalhadores assentados nas Fazendas Reunidas, sua identidade se constrói em torno de um projeto de vida camponês, para outro conjunto de trabalhadores o projeto traçado aponta para a vida em coletividade, ou, no mínimo, para a produção e/ou a comercialização conjunta do produto. Enquanto alguns grupos de trabalhadores buscam as velhas formas de conceber o

2 Para tratar de modo de vida como "modo de ser" emprego o conceito de estilo de vida de BOURDIEU: "um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hexis* corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo..."

rural e encontram saídas que aproximam as agrovilas dos velhos bairros rurais paulistas, outros procuram formas modernas, racionais, de organização da produção e da vida.

O estilo de vida camponês, conjunto de preferências que distinguem algumas famílias assentadas e lhes dá unidade, muitas vezes entra em conflito com o projeto de vida coletivo proposto por outro conjunto de assentados e por mediadores, ao mesmo tempo em que conflita com a visão de agricultores modernos e integrados que os agentes do Estado querem formar. Mas não é possível leitura linear: muitos assalariados que moravam nas cidades manifestam grande resistência ao “relógio ponto” e referem-se à terra própria como meio de comandar a sua vida. Para esses assentados a terra simboliza a realização do sonho de fartura e autonomia.

Com o intuito de preservar as diferenciações entre os trabalhadores assentados, tenho procedido sempre a análises comparativas. Dadas as limitações deste trabalho, quero apenas destacar que as buscas de um estilo de vida no meio rural têm conduzido as famílias assentadas ora à produção coletiva, considerada, pelo MST, a forma mais eficiente de organização do trabalho, ora à produção no lote familiar, mais consentânea com valores centrados na autonomia. A percepção interior do espaço e do tempo, pelos que se concebem como sitiante, vai se tornando diferenciada da concepção dos cooperados e essas diferenças marcam o projeto de vida em construção.

Trabalhar com a família assentada é, portanto, uma categoria de análise central, pois concebendo que a família é o lugar em que as classes trabalhadoras também se constituem como cultura e identidade³, procuro captar o universo cultural e simbólico em que elas estruturam suas práticas e se reproduzem. Coloco a construção do assentamento como parte do projeto de vida familiar e, nesse contexto, a casa, historicamente concebida como *foyer*, simboliza o centro do projeto, o lar, a lareira, o local de reunião da família, o ambiente em que a família se reproduz, através da reprodução do corpo e das práticas grupais. A casa, nesse sentido, não é apenas um espaço de organização social. É também espaço de projeção do corpo, um espaço pessoal, um espaço em construção, em que as lembranças de outras moradas estão presentes, articulando as práticas individuais e grupais.⁴

A casa, ou melhor, a relação corpo/casa, está presente na construção dos projetos de vida e parece-me mesmo estar no centro desse projeto. No caso estudado por mim, essa casa, simbolicamente compreendida, situa-se na “terra prometida”, o que agrega valores relacionados à terra-mãe, como os de dádiva, fartura, bem-estar e liberdade. Começo a engatinhar nesse tema, a construção do novo “lugar” e

3 Nessa análise combino o conceito de reprodução antropológica de BERTAUX, com o conceito de estilo de vida de BOURDIEU. As análises de TELLES, V. S. sobre as famílias trabalhadoras urbanas em São Paulo ajudaram-me na construção do referencial analítico.

4 Os estudos orientados para o aspecto simbólico da casa, embasados na relação corpo/casa/reprodução sócio-cultural, são raros. Vale lembrar o trabalho de Naomi Vasconcelos “*Le corps, la maison et la sexualité*”.

a relação família/corpo/casa/ terra, a partir da memória dos assentados e inspirada em BACHELARD. Considero este trabalho apenas um primeiro ensaio, buscando suscitar a discussão da metodologia proposta e dos primeiros resultados.

PARA UMA POÉTICA DO TEMPO E ESPAÇO NAS TERRAS DE PROMISSÃO⁵

As Fazendas Reunidas são palco de uma história de longa duração. Ao contar a história pessoal, cada trabalhador conta a história coletiva, que é, também, a história da ocupação/expropriação/reocupação da Fazenda pelos trabalhadores. A história é toda baseada em fatos verídicos, que efetivamente se desenrolaram nas Fazendas Reunidas e tem seu apoio sempre em imagens espaciais: o rio, a mata, “aquela jabuticabeira”, o ponto do ônibus, os bairros, as Igrejas, os grupos de vizinhança... Afinal, conforme Halbwachs⁶, a memória coletiva tem seu ponto de apoio sobre as imagens espaciais, uma relação com o lugar.

As histórias remetem a mitos, o da terra, como fonte de toda a vida e o do trabalho por conta própria, como o único desejado e só realizável na volta à terra. Não trabalhar para os outros, essa é a esperança que alicerça os sonhos de terra própria.

Obtida a terra, esses sonhos alicerçam a construção da nova vida. Acompanhando a trajetória dos trabalhadores hoje assentados, neste momento caminho em busca de um referencial teórico que permita trabalhar com a construção do que estou denominando “novo modo de vida” no meio rural. Trabalho com um referencial que combina o conceito de “estilo de vida” de Bourdieu, com uma sociologia da família, concebida como o lugar em que as classes trabalhadoras constroem sua identidade e subjetividade no cotidiano da vida no assentamento. Isso me remete à reunião dos fragmentos dispersos da vida cotidiana, retalhos do modo de vida em construção, interpretados a partir da memória grupal. De fato alimentar-se, vestir-se, habitar, produzir e reproduzir objetos que o consumo devora⁷ são hábitos que fazem parte do cotidiano vivido de maneira quase que inconsciente, que ganham um significado diferente quando realizados num espaço “vazio” de vida social a que se atribui o significado de um “novo espaço” conquistado na luta pela terra.

5 Neste item busco trabalhar com a **memória de**, que situa o retido no passado, com a **memória para**, que projeta o passado no presente, trabalhando com o acervo familiar e grupal e sua contribuição para a construção do *habitus*. Por ser este um primeiro ensaio, faço uma tentativa de trabalhar com análise cruzada, empregando a evidência oral como fonte de informações. Dada a riqueza das falas colhidas, a seleção dos trechos tornou-se um exercício penoso, o que me impediu de ser absolutamente fiel à metodologia da história oral, proposta inicial deste ítem.

6 HALBWACHS, *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990, p. 137.

7 A idéia é extraída de LEFEBVRE, *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Ática, 1991, p. 45.

Trata-se de construir toda a vida, projeto que está centralizado, a meu ver, na construção do novo lugar a partir da casa, da moradia familiar. Nessa construção a memória de outros lugares, vividos em outros tempos, marca os projetos individuais, familiares e grupais. Morar no assentamento se afigura para as famílias recém-chegadas, como um “novo tempo de viver” no qual se invertem as prioridades e, muitas vezes, até mesmo a relação espaço/tempo.

Pensar “assentamento” revela-se, portanto, como um exercício precioso, pois a chegada ao novo “LUGAR” (físico e social) de um número considerável de famílias que passam a ocupar um espaço antes vazio socialmente (embora ocupado pelo latifúndio improdutivo) coloca a necessidade de um exercício de pensar o “novo”, ou seja, a chegada, o assentamento, a construção desse modo de vida.

Esse exercício envolve:

1) Um estudo das representações dos trabalhadores sobre o assentamento, como novo lugar de vida e de trabalho;

2) Um estudo da família assentada e suas representações centradas na idéia da construção de um projeto de vida que se anteponha à fome, à exclusão social, enquanto experiência de realização de um modo de vida que garanta a sobrevivência e reprodução grupal. Tais representações têm como centro a idéia de uma família unida realizando um projeto de segurança grupal, em um imaginário em que pobreza e exclusão social trazem a marca da desagregação moral e da desordem numa associação muito freqüente, nas classes trabalhadoras, entre pobreza e crime⁸;

3) Um estudo das representações dos trabalhadores sobre a casa, seu significado no lote bem como da distribuição espacial do lote e da moradia em seu interior ou fora dele, na agrovila. Este estudo resulta da etapa anterior da pesquisa em que pude trabalhar com as diferenciações presentes na organização dos assentados nas diferentes agrovilas, resumidas no item anterior deste trabalho, quando tratamos das trajetórias familiares e projetos grupais;

4) Um estudo da memória grupal construída no cotidiano da vida na terra, mas alicerçada na memória da luta e nas experiências que antecedem essa luta, fonte das diferenciações entre os diferentes grupos de famílias assentadas. Sob essa ótica revelam-se, ao primeiro olhar, as diferenças relativas às experiências de vida rural ou urbana, a condição dessa vida, se proletária ou autônoma e até mesmo as diferentes imagens espaciais que os trabalhadores portam na chegada à terra. Enfim, trabalhar com o imaginário, com as imagens presentes na memória grupal, revelou-se o melhor caminho para chegar aos sonhos que alicerçam a dura luta pela terra. Nessa concepção, a vida sonhada alicerça o real e dialoga com ele. Sem essa dimensão “sonho” seria muito difícil compreender as agruras pelas quais passam as famílias em sua caminhada em busca de terra para plantar, viver e reproduzir-se.

8 Vide a respeito da associação entre pobreza e criminalidade nas classes trabalhadoras, o belíssimo artigo de Vera Silva Telles “A experiência da insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo”. *Tempo Social: Rev. de Sociol. USP* 4(1-2): 53-93, 1992.

Para captar sonhos, lembranças, recorri, neste trabalho, a histórias de vida de homens e mulheres hoje assentados nas terras de Promissão-SP. Selecionei trechos dessas falas, em especial de três mulheres⁹, cuja trajetória de vida e de participação na construção da história do assentamento é bem diferenciada: a primeira, dona Teresinha, 38 anos, de origem rural, era assalariada urbana e veio para o assentamento após inscrição, portanto, nunca lutou pela terra, mas a concebe como a realização de um sonho de fartura e liberdade; a segunda, Néia, 43 anos, nascida na cidade mas vivendo a vida rural desde o casamento com 18 anos, participou da luta pela terra desde as primeiras articulações via CPT e, uma vez assentada, torna-se uma “feliz sitiante”, deixando de participar do movimento; a terceira, Lurdinha, de origem rural, expropriada, vive a vida urbana, participa dos movimentos de base e torna-se líder do MST, realizando, no assentamento, o projeto de viver em coletividade. Essas diferentes trajetórias marcam a memória, o projeto de vida e o estilo de vida em construção no assentamento.

Investigando a partir dos eixos acima propostos, passei a atribuir papel fundamental à imaginação criadora, o que me remeteu à poética de Bachelard, para tratar desses sonhos de ação que ele designa como *devaneios da vontade*¹⁰, *essas imagens que saem do próprio fundo humano*, mais presentes quanto mais sólida e positiva, ou “dura” é a matéria, nesse caso a Terra. Também ousei voar nos devaneios de Bachelard sobre a Terra e os devaneios do repouso, em especial quando trata das imagens de intimidade presentes na casa:

*“Seriam precisas longas páginas para expor, em todos os seus caracteres e com todos os seus planos de fundo, a consciência de estar abrigado. São inumeráveis as impressões claras. Contra o frio, contra o calor, contra a tempestade, contra a chuva, a casa é um abrigo evidente, e cada um de nós tem mil variantes em suas lembranças para animar um tema tão simples. Coordenando todas essas impressões e classificando todos esse valores de proteção, perceberíamos que a casa constitui, por assim dizer, um contra-universo, ou um universo do **contra**.”*¹¹

Evidentemente, trabalhar com essas imagens é apenas uma das dimensões da pesquisa que teve início, conforme já destaquei, num Censo dos trabalhadores

9 As histórias de vida foram coletadas pelos Bolsistas de IC sob nossa orientação: Maia Teresa Papa Nabão, Patrícia Helena Buim e José Benedito Leandro e estão publicadas, na íntegra, in D'AQUINO, T. “Retratos de assentamentos”. *Cadernos de Pesquisa*, 3(4), 1996.

10 Vide BACHELARD, G. *A Terra e os devaneios da vontade: ensaios sobre a imaginação das forças*. São Paulo, Martins Fontes, 1991. Prefácio.

11 BACHELARD, G. *A terra e os devaneios do repouso: ensaios sobre as imagens de intimidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 87. grifos do autor.

assentados, prosseguiu através de histórias de vida dos assentados, para chegar a uma pesquisa sobre “estilo de vida”, a construção da nova vida na terra. Essas diversas metodologias de pesquisa conduziram a equipe de pesquisadores a estudar as diversas dimensões da luta pela terra, vista como um processo de construção de novos sujeitos sociais, mais autônomos, em busca da conquista da cidadania.

Assim cheguei à construção de um projeto grupal/ familiar, que remete a “sonhos”. Evidentemente essas imagens não são algo dado. Como diz Bachelard: “Daríamos uma falsa idéia da imaginação se não disséssemos o quanto as imagens são raras”¹². Somente muitos anos de intimidade com o tema e com o trabalhador assentado permitiram-nos chegar à dimensão onírica. São depoimentos de intimidade que revelam a dimensão “sonho de obter terra própria” que permeou toda a luta, ao mesmo tempo em que dá claramente os contornos do estilo de vida que almejavam construir, na chegada ao assentamento.

Os devaneios de Bachelard me permitem considerar as imagens da intimidade presentes no espaço do lote e da moradia, num espaço amplo que se antepõe às imagens da moradia e do estilo de vida urbanos. Bachelard nos ajuda a pensar os símbolos da intimidade presentes na casa rural e urbana, o contraste entre a vida aberta no campo e a vida fechada, da cidade:

*“...No fundo, a vida fechada e a vida exuberante são ambas necessidades psíquicas. Mas antes de serem fórmulas abstratas, é preciso que sejam necessidades psicológicas com um quadro, com um cenário. Para que haja essas duas vidas são indispensáveis as casas e os campos. Percebe-se agora a diferença de riqueza onírica entre a casa de campo construída verdadeiramente sobre a terra, dentro de uma cerca, em seu universo, e o edifício cujos compartimentos nos servem de moradia e que só se constrói sobre o calçamento das cidades?...”*¹³

A casa de que falamos reúne imagens do passado, a casa paterna e as sucessivas imagens das casas habitadas ao longo de uma vida de migração. Essas casas estão distantes, não são mais fisicamente habitadas, mas estão presentes na construção do novo espaço, portanto, são habitadas pela lembrança. Por essa razão, famílias de origem rural recente pensam o lote e a moradia no lote de maneira diferente daquelas que viveram a vida proletária urbana, nas casas da COHAB, nos barracos das favelas ou nas vilas operárias. A percepção do espaço largo, aberto e verde exige a reconstrução do olhar. A psicologia da vida fechada no espaço da casa urbana se opõe à psicologia da vida aberta para o verde, em que moradia e quintal, pomar, horta e roça são alcançados a um só tempo, pelo olhar mais largo, um

12 BACHELARD, *A Terra e os devaneios da vontade*. Op. cit. p. 130.

13 BACHELARD, *idem*, *ibidem*.

olhar ao mesmo tempo de satisfação, de realização, de liberdade e de cuidado/ domínio. O trecho abaixo, extraído da história de vida de Dona Teresinha¹⁴, que depois de trabalhar na braquiária, no quiabo, trabalhou costurando para fábricas de roupas, antes de vir para o assentamento, fala do olhar:

Aí, apareceu um serviço de fábrica, pra costurar em casa. Costurei muitos anos pra essas fábricas de Bonifácio...

Quando nós viemos definitivo para cá, uma coisa que eu estranhei mesmo foi o sol. Lá, parecia que era mais frio e a gente, também, ficava mais dentro de casa. Outra coisa que me deu problema foi as vista, porque lá eu só olhava de pertinho, que costurar é bem de pertinho, né? E eu não saía para lugar nenhum. Cheguei aqui, a minha vida era olhar! Olhava para lá, olhava pra cá, hoje está tudo cheio de plantação, mas quando eu vim era tudo limpo, então, dava para olhar longe. Nossa! Eu tinha uma dor de cabeça! Aí, fui na farmácia lá da cidade e falei: "Oh, não sei o que é que eu tenho, mas eu estou tendo muita dor de cabeça!" Aí, o farmacêutico perguntou porque e eu expliquei: "Se eu fico dentro de casa, não dóe, mas se eu fico andando pelo terreiro aí, fica doendo." Então, eu contei aonde eu estava morando, e ele falou: "Sabe o que é? A sua vista estava acostumada a olhar só de pertinho e agora está olhando longe, então, está dando esse problema. Você fica mais uns dias e se não melhorar, você vai ter que procurar um oculista." E não é que era falta de olhar longe mesmo! Depois que acostumei, nunca mais deu problema de vista.

Hoje, já não gosto de costurar não! Às vezes costuro um pouquinho para a casa, mas me dá calor e inquietação. Tem gente que me fala: "Porque você não pega roupa da fábrica e continua costurando daqui?" Eu não! Porque se eu estiver costurando e uma galinha cantar lá fora eu já tenho que ir correndo ver aonde ela botou! Se a vaca está berrando, eu tenho que ir lá ver o que é que a vaca tem. Então, eu não tenho vontade de ficar quieta dentro de casa. Eu quero é saber de ficar andando, olhando a roça, as criação... lidar na roça, catar quiabo, adoro catar quiabo, agora, serviço de casa eu não gosto, não!

14 Dona Teresinha, 38 anos, moradora da agrovila José Bonifácio. História de vida coletada por Maria Teresa Papa Nabão e Patrícia Helena Buim. In D'AQUINO, T. "Retratos de assentamentos". *Cadernos de Pesquisa*, 3(4), 1996. Araraquara, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

As lembranças de Dona Teresinha falam de três experiências diferentes, que traduzem diferentes *habitus* grupais: a experiência de assalariamento rural, como bóia-fria, a de trabalho industrial à domicílio e a de trabalho em sua terra, o seu sítio. O contraponto entre essas atividades, que permeia a história de vida dessa assentada, é inconsciente, mas vivo e altamente revelador.

A vida na roça, para ela, é percebida em oposição à vida urbana e ao trabalho “para os outros”. O morar na cidade se traduz numa outra forma de ocupar e conceber o tempo: a hora certa, definida pelo horário de “pegar” ou “largar” o serviço e por uma longa jornada de trabalho, é vista em oposição à autonomia da vida rural centrada no lote. A costura, que habituava a olhar miúdo, foi substituída pelo olhar longe, que se estende pelo lote, pela horta e as criações. A concepção de vida agora envolve andar, lidar na roça, olhar o que é seu. Essa concepção se revela no olhar, cujo núcleo é a casa.

O modo de vida se traduz no modo de olhar, o que expressa a relação corpo/casa/terra. Revela-se também na ocupação do tempo com outras atividades de lazer que remetem a uma vida grupal centrada na sociabilidade de vizinhança, que dona Teresinha conta com prazer:

Sabe, que morar em vila não é bom não! Lá, a gente não podia ter nada do que tem aqui.... Um terço de São João, na vila tinha e a gente já sabia que era na casa do meu tio. Aqui também tem em vários lugares. A gente vai a pé, todo mundo junto, chega lá reza os terço, depois come alguma coisinha, brinca, diverte... Chega de domingo a gente sobe tudo lá para a agrovila, tem jogo, eu tenho o genro que joga e o moleque que gosta, os sobrinhos, os rapazes que consideram a gente como da família. Sábado à noite, a gente vai também, conversar com as colega, reza o terço na igreja, toma um refrigerante. Lá eu não fazia nada disso, porque dentro da vila tinha preocupação de ter que levar as crianças para fazer alguma coisa... As vezes, a gente também vai em comício. Sabe que em comício eu só tinha ido quando era pequena? ...Lá na vila eu não largava de assistir televisão para ir ver comício de candidato de jeito nenhum..

O horizonte de Dona Teresinha começou a expandir-se a partir do novo olhar, o olhar longe, processo que se completa com a expansão da sociabilidade, tão grande que hoje atinge a agrovila toda, ampliando a parentela, algo que ela expressa na liberdade conquistada de ir a campo de futebol, pois os rapazes a consideram como família. O cultivo da sociabilidade grupal exige o controle do tempo, a liberdade de ir e vir, que, na memória, sempre se opõe à experiência do trabalho assalariado, lembrado como aquele tempo em que tinha que “estar no pau do pecado”, o ponto de ônibus, bem cedo, para ir ao trabalho. A posse do tempo “para si”, num espaço que é dela, dá a sensação de liberdade, revelada na frase:

Lá na vila eu ficava presa, só na beira da máquina e mais nada! Cheguei aqui e achei a liberdade. No começo eu ficava andando por essa roça o dia inteirinho, nem que não fosse para fazer nada, meu prazer era andar, sem horário, sem patrão!

Liberdade, nesse depoimento, é expressão que reúne autonomia no trabalho, posse do tempo e uma verdadeira redescoberta do corpo, do olhar, do andar, do viver em terra própria. E todo esse conjunto que envolve casa, família, trabalho expressa também, tranqüilidade e fartura:

Eu me sinto bem mais feliz aqui do que lá na vila. Trabalho bem menos, porque lá, na beira de uma máquina, eu sabia que tinha que dar conta do dinheiro até para o fim do mês. Aqui não, você pode chegar no fim do mês sem dinheiro, mas pelo menos, o que comemos a gente não paga. Às vezes, na vila, eu tinha vontade de comer um frango e quantas vezes com o dinheiro na mão e não achava o frango para comprar...um franguinho caipira, quantas vezes nós queríamos e não tinha. Aqui não, se nós quiser um franguinho caipira é só matar, é rapidinho! E tem mais, na vila, a gente tinha que comprar de tudo, arroz feijão, gordura, sabão, além de ter que pagar aluguel e luz, só não pagava água porque não tinha na rua, tinha que ir buscar, nas costas, a um quarteirão de distância. Aqui não, se quero um frango caipira eu vou no terreiro e tem. De vez em quando, tem um porco gordo, eu mato. Sabão, eu faço em casa, não preciso estar comprando essas barrinha que eu comprava antigamente e não valia de nada. Desde que vim para cá nunca mais compramos um quilo de arroz. Plantamos e colhemos bastante, temos milho, abóbora e mandioca à vontade.

Eu não penso em ir embora daqui de jeito nenhum. Muita gente falava que eu não ia acostumar, eu mesmo tinha muito medo! Mas que nada, toda vida eu sempre gostei de roça e de criação. Todo dia cedo, isso é sagrado, eu vou na lavoura, tenho que subir, andar na roça, olhar a plantação para ver se está crescendo, olhar a criação para ver se está engordando!

A realização do sonho de fartura aparece no desejo de permanência na terra e no medo de perder este “lugar”, que significa segurança e possibilidade de reprodução familiar. A vida aberta no mundo rural é permeada de símbolos: tempo de trabalho por conta própria, combinado com tempo para o lazer x tempo de trabalho para o patrão; trabalho assalariado x trabalho autônomo; viver de salário x fartura garantida pelo trabalho no lote familiar; monetarização de todas as dimensões da vida x autoconsumo.

Ao refúgio simbolizado pela casa soma-se a intimidade da vida rural aliada à sociabilidade vicinal, as formas simples e ricas de sociabilidade reencontradas na volta à terra. Poder reorganizar o próprio tempo e espaço é um privilégio partilhado pelos assentados, que envolve várias descobertas: a primeira é a do corpo, em seguida a da casa, a dos amigos, a vizinhança. A redescoberta da luz, do longe, do verde, é acompanhada da redescoberta do tempo de lazer e de conversar. O primeiro momento, sem dúvida é de insegurança face ao desconhecido simbolizado pela escuridão a que o olhar está desacostumado. Os temores de D.Teresinha, na chegada à terra, revelam esse medo:

Vimos para cá quando saiu esse projeto da reforma agrária, mas no começo eu tinha muito medo, por duas coisa: não tinha força [energia elétrica] e eu tinha medo de morar em barraquinho de plástico, porque quando eles veio para cá, era barraquinho de plástico e eu tinha muito medo! O primeiro dia que eu vim aqui o meu marido estava fazendo a casa e eu vim trazer as dobradiça para por nas porta. Já estava coberta só faltava por as porta, aí eu falei: "Ah, hoje nós posa aqui mesmo"! Já tinha colchão, mas não tinha cama, então, eu disse que não ia dormir no chão não, porque de dia eu tinha matado uma cobra. Aí, fizemos umas pilha de tijolo, pusemos a grade da cama e o colchão por cima. Foi chegando de tardezinha, foi ficando escuro, de um jeito ruim, o marido estava pescando e comigo só estava o filho mais velho, os outros tinha ficado na vilinha. Aí o Carlinho chëgou com os peixe para mim limpar mas eu não achava jeito! Eu estava acostumada com a luz, não tinha televisão, não tinha geladeira, não tinha nada aqui e eu ainda por cima com medo da cama. Quando chegou a hora de deitar eu deitei, mas quem disse que eu dormi? No outro dia levantei bem cedo, mas não tinha o quê fazer, não tinha galinha, não tinha nenhuma porca, não tinha nada! Eu levantei, dei uma olhada por tudo e falei: "Quer saber de uma coisa? Eu vou embora! A Reunidas (ônibus) passa aqui às nove hora, os moleque está lá em casa sozinho, eu vou é embora, não vou ficar aqui não"! Juntei a minha sacolinha e fui embora esperar a Reunidas. Cheguei em casa os moleque perguntaram: "Mãe, como é que é lá?" Eu disse: "É gostoso, é bom, nós vai acostumar!" Mas só Deus sabia que por dentro eu pensava: "Nós não vai acostumar, não!" Aí que medo que eu tive! Aquela escuridão toda. Agora não, não tem força até hoje e eu estou bem acostumada. Eu tenho lampião, mas nem lampião eu uso, fico só na lamparina. Acho que acostumei porque vim com os filhos todos, trouxe galinha, porco...

Note-se que dona Teresinha, de origem rural, já havia se desacostumado com a escuridão. Simbolicamente esse medo parece associar-se ao viver sem energia elétrica, água encanada, sem televisão, com tudo o que estava deixando para trás ao vir para o acampamento. O medo também está presente na fala de outra mulher, Néia, que participou, com seu marido Ademar, de todos os momentos da luta pela desapropriação. Seu medo remete aos embates da luta pela terra:

...Sei dizer que eu sofri prá chegar agora onde eu estou! Ter esse pedacinho de chão que eu adoro, ter esses 8 alqueire de terra! Ai, eu tinha medo, menina, eu chorei muito! A primeira ocupação que é esta destes assentados aí da CESP, eu fiquei com muito medo de ir. Chorei igual uma louca, mas não concordei. Já a segunda, que eu sabia que era uma coisa mais legalizada, tinha as reunião no salão do cruzeiro, sabia que o INCRA também estava ajudando a tomar a terra, sabia que era improdutiva, que não tinha escritura, aí eu perdi o medo! Então o Ademar vendeu a nossa casa e nós resolvemos acampar. Minha mãe ficou chorando, ela não queria. Nós dispomos de tudo que tinha prá poder acampar... Quando nós íamos na cidade, aquelas pessoas falavam assim: "Vocês são umas cambadas de vagabundos! Vai trabalhar prá vocês comprar terra! Aquilo lá tem dono!... Hoje em dia eles são a favor a gente, porque nós demos muito lucro prá cidade, nós levamos cereais, os mercados vivem cheios de gente, de assentado, fazendo compras...

As dificuldades da luta relatadas por Néia têm o sabor de conquista. Néia hoje expressa o ideário camponês, quando agradece pelo pedaço de chão conquistado:

...Eu agradeço muito esta luta, nossa e como! Viche, valeu a pena! Hoje em dia temos o nosso pedaço de chão, temos nossa vacininha no pasto, meus porquinho, minhas galinha!

Eu fui uma moça nascida e criada na cidade! Casei com um moço do sítio e hoje eu não gosto de morar na cidade. A minha vida é aqui na Fazenda Reunidas! As vezes eu vou em Promissão passear, fazer compra, ir no médico e aí a minha irmã fala: "Ai, credo! Não sei como você gosta dessa vida! Não tem força nem nada!" Aí eu falo: "Ih Cirça!" Que minha irmã chama Cirça. "Eu adoro aquele pedacinho de chão, eu venho aqui mais não vejo a hora de chegar em casa!" Amo mesmo esse lugar! Valeu a pena esta luta!... Eu não me arrependo de ter desfeito de tudo que eu tinha na cidade prá tá vivendo na vida do campo. Fico muito feliz!

Tendo realizado o sonho da terra própria, hoje Néia está circunscrita ao espaço do lote, da casa, do quintal e da roça. De sua experiência de luta está presente a memória que se expressa ao contar a história de vida/luta pela terra. Plantar para comer, criar seus porcos e galinhas, sua vaquinha de leite são parte dos sonhos de muitos dos assentados, em sua busca de autonomia. São os trabalhadores cuja identidade é marcada pela memória da vida rural no sítio, local de moradia, de trabalho e de reprodução da família. Esse ideário está presente na fala de Néia e de muitos outros assentados da agrovila dos "44" e demais agrovilas organizadas como tradicionais sítios rurais.

A recomposição do estilo de vida, nesse caso, expressa o ideário camponês, a concepção da unidade agrícola como unidade de produção familiar. A alternativa colocada por esses trabalhadores insere-se no que Woortman denomina "campesinidade"¹⁵. A terra é vista como patrimônio de família, sobre a qual se faz o trabalho que constrói a família enquanto valor. São categorias culturais centrais do universo camponês brasileiro, o trabalho, a família e a liberdade. O sítio é, portanto, o lugar da família e o espaço da liberdade. Nesse contexto a casa é o centro, o espaço por excelência da construção da vida familiar. Não por acaso, em geral ela está situada no meio do lote, feita de alvenaria e mobiliada com novos armários, geladeiras e fogões e parte do velho mobiliário herdado, que resistiu a tantas migrações, correrias da polícia ou estouros de boiadas propositadamente jogadas sobre os acampamentos. Ela guarda, junto com velhas lembranças, os sonhos de liberdade.

Já os trabalhadores organizados pelo MST concebem a vida na terra como vida em coletividade, a melhor alternativa para viabilizar a permanência na terra, embora respeitem o estilo de vida adotado pelos outros. Tudo é coletivizado: o trabalho, a organização de produção e divisão do trabalho, a educação das crianças e as decisões fundamentais sobre todas as esferas da vida, até mesmo a do "destino" das crianças, pensado como parte do projeto grupal de reprodução do assentamento. A construção desse projeto contou com a colaboração do MST, que promoveu o "laboratório de campo", cuja história é muito mais interessante quando contada por seus "atores" principais, os associados da COPAJOTA (Cooperativa de Produção Agropecuária Josimo Tavares) como Lurdinha, que, em sua história de vida, conta a história da trajetória grupal de organização para obter a terra definitiva e construir o sonho socialista de viver nela em coletividade:

Valer a pena valeu, sabe. Valeu a pena. Tivemos dificuldades muito grande durante cinco anos, né, cinco anos de luta e de resistência. Nós tivemos muitas dificuldades prá conquistar a terra definitiva, né... que no ano passado (1992) no dia 15 de... dia 16 de outubro que nós recebemos a posse da terra definitiva... Mas prá

15 WOORTMAN, K. "Cum parente num si negoceia". Vide também SHANIN, T. "El campesinato como factor político". In SHANIN, (org). *Campesinos y sociedades campesinas*.

conseguir a terra definitiva e ficar nela sem ter uma organização ficaria difícil, né, que nós tínhamos o grupo, que era o grupo de nove famílias na qual a gente trabalhava coletivo, né e tudo comunitário, até a cozinha, a comida era tudo na cozinha comunitária... Foi aí que nós decidimos formar a cooperativa... nós se reunimos e a gente descobriu que o único jeito da gente permanecer na terra, de resistir, e toda essa discussão que hoje faz os grandes latifundiários, quer engolir o pequeno agricultor... e só com o sistema cooperativista... então fizemos nosso laboratório de campo, que durou 28 dias...

A história de Lurdinha é uma busca de melhores alternativas de vida: de origem rural, chega a Campinas na década de 70 e passa a atuar nas CEBs, organizando a população nas reivindicações por saneamento básico, educação, saúde, asfalto chegando, a partir dessa luta, ao movimento sindical. Na fala dessa assentada, a saudade da terra está sempre presente, apesar de ter vivido duas décadas na cidade. Destacam-se, na fala, a expropriação, a chegada à cidade e a entrada nos movimentos populares, enquanto seu marido entra na luta pela terra e ela acompanha, quando “o movimento popular passa a ser luta pela terra”, tomando consciência que ali está a transformação.

Aí era toda uma tortura, porque você está acostumado na roça. Vida sossegada, né? Apesar de tudo... apesar de ter perdido soja, tudo. Mais o campo é muito diferente de que uma cidade grande. Eu chego na cidade, prá mim foi uma transformação, aquilo que eu nunca tinha visto na minha vida. Que era aqueles ônibus super lotado. depois o Luizinho com o tempo o Luizinho cresceu mais. Quando ele estava com 4 anos, aí eu fui trabalhar. Arrumei serviço na creche. Mais nesse tempo que eu fui trabalhar na creche, que eu já tinha aprendido a me virá na cidade e participando de comunidade, do bairro e conhecendo a “Teologia da Libertação”. Então despertou dentro de mim aquela vontade de ajudar a transformar, pelo menos o mundinho onde eu vivia, né que nós não tínhamos água, não tinha luz, não tinha esgoto, num tinha escola, né. E aí com 5 companheiros a gente, nós começamos fazer um trabalho de melhoramento do bairro. Conseguimos a água, conseguimos a luz... Daí em 86, eu continuei sendo a presidente...

A história contada relata a trajetória de chegada à cidade e todo o trabalho de acostumar-se ao estilo de vida urbano, que a remete aos movimentos sociais em busca de melhorar o entorno do bairro, para sua família e demais moradores. Acos-

tumada, já líder do movimento de CEB's, Lurdinha é quase que "surpreendida" pelo marido, cujo projeto de vida ainda se construía sobre a terra:

Quando foi 86 o meu marido começou a participar, né, o Geraldo começou a participar de umas reuniões que estavam tendo nos bairros, nas comunidades, prá discutir a questão da terra, da volta prá terra, eu não, eu já estava no movimento popular, eu já estava bem longe, participava das reuniões que havia no Centro de Pastoral... além de ser presidente da associação eu era também da coordenação das CEB'S da Diocese, participava da Pastoral Operária, né... Ele chegou lá e falou: "Olha, eu não sou mais apoio ao grupo que tá se reunindo na luta pela terra, eu vou ocupar". Eu disse: "Mas eu não estou preparada prá isso". Ele falou: "Mas eu vou ocupar". Eu era presidente do bairro, o meu nome sendo cogitado prá próxima eleição que ia ter, em 87, a vereadora da região... Mas eu não podia impedir, porque era um sonho, que a gente durante todo esse tempo que eu estava envolvida na luta popular, que eu estava trabalhando tudo ele sempre estava horas empregado horas desempregado. Quando você pensava que ele estava firme numa firma ele já não estava mais. Então, ora estava empregado, ora não estava. Aí ele falou: "Ah, não agüento mais isso". Eu quero sair, eu preciso, nós precisamos voltar prá terra de novo. Foi aí que ele veio na ocupação de 2 de novembro. Aí ele veio e eu fiquei, até entregar meu mandato prá outra e... dia 25 de dezembro eu vim aqui visitar, né. E eu vi aquele monte de barraco, aquele monte de criança, aquele monte de jovem, e eu ficava pensando: "Meu Deus, será que adianta eu ficar lá na cidade sendo que a transformação tá aqui? Se adianta eu ficar lá agora acho que todo tempo, 12 anos que eu trabalhei lá, já era o suficiente prá ter feito o que tinha de fazer". Então, eu mesmo achei, né, vendo a situação, que eu teria que voltar prá cá... Foi aí que eu deixei então tudo e vim mais os meninos, prá dentro de um barraco que mal cabia a gente dentro, né? Uma casa terminada em Campinas, ...

A decisão de Lurdinha, de vir para a terra, é política, aliada a uma decisão pessoal: acompanhar o marido em seu sonho de volta à terra é projeto que se alia à percepção de que na luta pela terra ela estaria, de fato, trabalhando pela transformação. Sua indecisão é vencida no momento em que percebe que ali havia um campo de luta em defesa de seus ideais. A chegada à terra significa outro mergulho na luta, na terra e junto aos órgãos governamentais para garantir a posse definitiva. A história contada revela o enquadramento da memória a partir da vida familiar: as datas lembradas a partir da idade dos filhos no momento do acontecimento

entrelaçadas com a história da luta, com outros personagens (companheiros das CEB's, hoje assentados) e com sua participação política.¹⁶

Na fala de Lurdinha destacam-se a construção de imagens do presente na terra a partir da memória da luta para obtê-la; a escolaridade e a concepção de vida diferenciada, dos trabalhadores cooperados, em relação aos demais assentados; o papel da mulher no assentamento, as lideranças femininas avançando, mesmo após a conquista da terra; a concepção da vida na terra, como vida em coletividade. Mas, como uma personagem de destaque no movimento de luta pela terra, a reconstrução de sua biografia é política, ou seja, a vida familiar, a vida privada, entrelaça-se com a vida pública, com a sua participação política desde as CEBs até o MST.

A indecisão de Lurdinha, no momento de entrar na luta pela terra, relaciona-se com mudança de sua trajetória política e também com ter que deixar para trás tudo o que a família e o grupo já haviam conseguido construir na cidade. Foi, portanto, verdadeira mudança de rumo. Destaca-se, na fala de Lurdinha, o longo processo de construção de sua autonomia, a partir dos movimentos populares, processo que resulta na melhoria da qualidade de vida de sua família e do seu bairro. Entretanto, qualidade de vida supõe também emprego estável, um projeto que a família não estava conseguindo levar adiante na cidade, pela insegurança do trabalho do “chefe da casa”, o que os conduz à luta pela terra, movimento no qual sua liderança, construída nas lutas urbanas, logo desponta.

Num diálogo com Bresciani¹⁷, que estuda os paradigmas do conhecimento e vivência nas cidades e sugere sete portas de entrada na vida urbana, associadas à idéia de modernidade: a questão da cidadania; a cidade como espaço de formação de novas identidades sociais, nova sensibilidade e construção de uma nova cultura, em contraste com a suposta vida rural idílica; a cidade como lugar de progresso, de história e de construção da cultura popular e da subjetividade, muitas vezes cindida. Para conhecer as sete portas de saída, os trabalhadores hoje assentados são os informantes ideais: a exclusão da cidadania, o desemprego e a pobreza associados, em muitos casos, à participação em movimentos sociais responsáveis pelo aparecimento de novos atores sociais, mais lúcidos e mais conscientes de seus direitos. Esses trabalhadores vêm na terra a alternativa de uma vida com fartura e a chance de restabelecer sua dignidade, livrando-se da humilhação de receber “sacolinhas de cesta básica”. A luta pela terra é uma porta de saída das difíceis condições de vida na periferia urbana, não só para os militantes do MST, mas para todos aqueles que lutam por terra, vendo nela a oportunidade de resgate da cidadania.

16 Como afirma POLLAK, “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. POLLAK, M. “Memória e identidade social”. In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 5(10):204, 1992.

17 BRESCIANI, M. S. “Permanência e ruptura no estudo das cidades”. In *Cidade e história: modernização das cidades Brasileiras*, 1992.

Lurdinha é uma assentada cuja vida expressa exatamente a difícil passagem pelo meio urbano que lhe permitiu, através da participação nas CEB's, lutar pela melhoria da qualidade de vida na cidade, concomitantemente à formação de consciência crítica expressa agora na luta pela terra. A conquista da cidadania conduz à saída da cidade, à construção de projeto familiar e grupal centrado na vida rural, não como sonho camponês, mas como sonho coletivo, para ela, um sonho socialista. Note-se que as imagens do lote, da casa e do sítio, tão presentes nas falas de Néia e de Dona Teresinha, estão ausentes na fala de Lurdinha, ou melhor, são substituídas pela construção do sonho coletivo. A participação de Lurdinha no MST traduz-se em ações internas ao assentamento aliadas a uma percepção aguda da situação de miséria dos trabalhadores brasileiros e a uma viva consciência de que a Reforma Agrária é alternativa para melhores condições de vida. Essa consciência não arrefece após a conquista da terra. Enquanto Néia, uma das líderes da ocupação da fazenda, se afasta da luta após a conquista da terra, a participação de Lurdinha, ao contrário, ganha novos contornos e maior amplitude com sua participação na direção estadual e nacional do MST, bem como na CCC (Comissão Central de Cooperativas), ligada ao MST.

O projeto de Lurdinha, que traduz o projeto grupal dos assentados reunidos em torno da COPAJOTA, é para todo o assentamento e para outros trabalhadores que queiram entrar na luta pela terra. Mas a percepção da vida rural centrada na casa aqui desaparece. A poética do espaço de Lurdinha é muito mais ampla, pois não envolve apenas o espaço familiar, mas todos os assentados e todos os trabalhadores em geral, que sonham com a terra como espaço de realização de cidadania. Sua poética é um sonho de mais justiça apoiado na Reforma Agrária. Seu universo perdeu a delimitação do espaço centrado na casa, no lote, para ganhar outra dimensão, a de luta pela terra para todos os excluídos. O "lugar" de Lurdinha é na terra, espaço de trabalho coletivo e seu tempo é repartido entre a participação no MST e o trabalho na terra. Este, pouco aparece em seu discurso, a não ser enquanto espaço de organização, de um projeto¹⁸ voltado à reprodução do assentamento pelo trabalho de todos, o que inclui a formação dos jovens para uma agricultura racional. O "sonho socialista" que seu grupo portava na chegada à terra mescla-se com o da viabilização econômica do assentamento como forma de construir uma vida mais digna:

... A gente, não é porque hoje trabalha no campo, vive no campo que você não precisa ser formado, né? Nós hoje lutamos pela nossa formação de quadros. Nós precisamos de técnicos agrícolas, nós precisamos de engenheiro agrônomo, nós precisamos de conta-

18 Não pretendo discutir aqui se o projeto socialista formulado pelo grupo de Campinas é realizado na Cooperativa, ou se ela é um típico empreendimento capitalista. Para uma discussão desse tema, vide D'AQUINO, T. "Nas terras de Promissão: da luta à construção do lugar".

dor, nós precisamos de administrador, que esteja fazendo uma administração de empresas, voltada para nossas necessidades. Enfim, nós precisamos de advogados e a gente precisa de professores, a gente precisa de quadros dentro do Assentamento. E nós vamos batalhar prá isso! Nós precisamos morar com dignidade! A nossa perspectiva como cooperativa é a gente avançar!.. Nós precisamos de telefone, nós precisamos de computador, de uma boa máquina de escrever, de... coisas boas, prá gente trabalhar. Não é assim que os grandes vivem hoje? Eles têm, não têm, tudo isso? Os pobres do campo hoje é preciso se organizar e ter vida digna. Ter casa com dignidade prá morar. Então nós estamos batalhando prá isso. Mas, não só prá mim, mas coletivo, [através de] trabalho profissional em cooperativa. E isso o povo tem que se organizar! Ao ocupar a terra, já tem que ir consciente da ocupação, mas consciente da organização prá permanecer na terra!

Nesse momento, passa a falar a militante, revelando forte oposição ao capital, numa fala muito distinta da fala de Néia e de Dona Teresinha, para quem a oposição ao capitalismo é diluída na construção da autonomia no lote. Elas não entram em relação de oposição direta ao jugo capitalista do qual buscaram libertar-se na procura de terra para trabalhar por conta própria.

A dedicação à fala das três mulheres escolhidas, moradoras de agrovilas diferentes e com trajetórias distintas, revelou o acerto da escolha da história de vida como instrumental para captar os momentos de transformação. Elas revelam a trajetória da luta e a construção da nova vida na terra¹⁹ e mostram que as diferenças significativas do ponto de vista da construção do novo modo de vida guardam relação dialética com a percepção da família, da vizinhança, da coletividade e da totalidade.

Conquistado o novo espaço, a princípio amplo e não delimitado, ocupado pelo verde, as famílias constroem suas casas, retratos de muitos sonhos que se inscrevem no espaço como constelações. Os que se concebem como sitiante, arquitetam seus lotes e, sobre eles, as casas e os quintais, as hortas e os pomares, os chiqueiros, os galinheiros e as roças e, mais ao longe, as cercas. A casa se abre para o lote sobre o qual se estende o olhar de prazer, de realização, de segurança e de domínio. Olhar o que é “seu”, cuidar, é o sentido de morar no lote. Autonomia, intimidade e repouso estão na casa, nos jardins, nos canteiros... “A acolhida da casa é tão total quanto o que se vê da janela”²⁰ e o olhar, acostumado ao miúdo da costura, ao apertado do barraco urbano, ao geométrico da cidade agora se espraia, olha longe e verde.

19 Sobre uso de histórias de vida em momentos de transformação, vide POLLAK, “Memória e identidade social”, p. 211.

20 BACHELARD, em *A Poética do Espaço*.

Os que moram nas agrovilas estendem seu olhar de modo diferente: da casa para a rua de terra e dela para os barracões da cozinha comunitária, de reunião, da pocilga, do viveiro de mudas, da escola e das imensas roças de milho a perder de vista, que traduzem a realização do sonho de fartura para todos. Em contrapartida, nesse espaço amplo, o tempo encarcerado, controlado, da produção coletiva, que simboliza outra liberdade, a de organizar-se, conquistar a terra e produzir nela coletivamente. Um outro verde sobre o mesmo verde, um sonho socialista: “*Quando as cumeeiras de nosso céu se juntarem, minha casa terá um telhado*” (Paul Éluard In Bachelard).

Os assentamentos rurais constituem-se como novos espaços de sociabilidade que se espalham por todo o interior do país. Simbolicamente estão associados, para os trabalhadores assentados, às imagens de segurança relacionadas a terra-mãe-fartura, portanto, segurança alimentar. Estão associados também à segurança da reprodução familiar, escapando ao risco da exclusão e ao medo da criminalidade urbana (como vítimas ou autores). Todas essas imagens têm como centro a casa, construída no lote ou na agrovila, que simboliza abrigo e proteção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. *A terra e os devaneios do repouso: ensaios sobre as imagens de intimidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- _____. *A terra e os devaneios da vontade: ensaios sobre a imaginação das forças*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- BERGAMASCO, S.M.P.P. e FERRANTE, V.L.S.B. (coord). *Censo de assentamentos rurais do Estado de São Paulo*. Pesquisa multicampi/UNESP. Araraquara, janeiro de 1995.
- BERTAUX, D. *Destinos pessoais e sociedades de classes: para uma crítica da antroponomia política*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- BOURDIEU, P. *Pierre Bourdieu: sociologia*. Org. da coletânea ORTIZ, R. São Paulo, Ática, 1983.
- BRESCIANI, M.S. “Permanência e ruptura no estudo das cidades”. In *Cidade e história: modernização das cidades brasileiras*. S.l., 1992.
- CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.
- D'AQUINO, T. “Trabalhadores assentados: identidade em construção”. In *Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências*, Marília, UNESP, 1(1):109-131, 1991.
- _____. “O olhar de Maria Isaura sobre o rural: tradição e mudança”. JORNADA de Ciências Sociais “Jornada de Estudos Maria Isaura Pereira de Queiroz”, 5. UNESP, 1994.
- _____. “Nas terras de Promissão: da luta à construção do ‘lugar’”. In FERRANTE, V.L. (org). *Retratos de assentamentos*. Araraquara, UNESP, 1994. (Cadernos de Pesquisa, 1(1):175-247).
- _____. (org). *Retratos de assentamentos*. Araraquara, UNESP, 1996. (Cadernos de Pesquisa, 3(4)).
- _____. “O ‘laboratório de campo’ e os bairros rurais no assentamento das terras de

- Promissão-SP: os sujeitos, o movimento dos sem terra e a construção de um novo modo de vida". ENCONTRO Nacional APIPSA, 17. *Anais*. Porto Alegre, 24-28 de novembro de 1994. Porto Alegre, 1995. Vol. 1, p. 179- 204.
- DURKHEIM, É. *Socialismo: Émile Durkheim, Max Weber*. Org. Luiz Carlos Friedman. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1993.
- ESTERCI et al. "Assentamentos rurais: um convite ao debate". In *Reforma Agrária*, 22(3), set/dez. 1992.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.
- GOMES DA SILVA, J. *Caindo por terra*. São Paulo, Busca Vida, 1987.
- GORGEN, F.S.A. e STEDILLE, J.P. (orgs). *Assentamentos: a resposta econômica da Reforma Agrária*. Petrópolis, Vozes, 1991.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- MAFFESOLI, M. *O conhecimento comum*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- MARTINS, J.S. *Caminhada no chão da noite*. São Paulo, Hucitec, 1989.
- POLAK, M. "Le témoignage". In *Actes de la Recherche*, Paris, (62/63), 1986.
- _____. "Memória e identidade social". In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 5(10):200-212, 1992.
- QUEIROZ, M.I.P. de "Dialética do rural e do urbano". In *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil: ensaios*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- _____. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis, Vozes; São Paulo, Edit. da Universidade de São Paulo, 1973.
- _____. *Bairros rurais paulistas*. São Paulo, Duas Cidades, 1973.
- SHANIN, T. (comp). *Campesinos y sociedades campesinas*. México, Fondo de Cultura Económica, 1979.
- TELLES, V.S. "A experiência da insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo". In *Tempo Social*; Rev. Sociol/USP, 4(1-2):53-93, 1992.
- THOMPSON, E.P. "Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial". In *Tradición, revuelta y consciencia de clase: estudios sobre la crisis de la Sociedad Preindustrial*. Barcelona, Editorial Crítica, s.d.
- THOMPSON, P. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- VASCONCELOS, N. "Le corps, la maison et la sexualité". In *Cahiers Sc. Fam. et Sex*, (11):105-128, juin 1987.
- VOVELLE, M. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- WAGNER, C. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis, Vozes, 1990.
- WOORTMANN, E. "A árvore da memória". In *Brasília*. Série Antropologia, (159), 1994.
- WOORTMANN, K. "Cum parente não se neguecia" O campesinato como ordem moral". In *Anuário Antropológico*, Brasília, (87), 1990.

Abstract: This article results of a research carried out at the biggest rural workers settlement of the state of São Paulo, the "Fazendas Reunidas" settlement, in Promissão. The research made use of statements, interviews and life stories, dealing with the conquest of land and the construction of a

new way of life. In a especial way, it recovers differences related to life and work organization, that reflect different groups projects, all of them founded on the construction of a life project, warranting for security and family reproduction. In this paper the new way of life was seen through the space/time construction from the memory of the house, considering house as the place of family reproduction.

Key-words: rural settlement; space and time; familiar reproduction